



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS – UAG**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS, INGLÊS E SUAS**  
**RESPECTIVAS LITERATURAS**

**FELIPE MATEUS BARBOSA ALVES**

**TESTEMUNHOS DE MULHERES NEGRAS NAS FAVELAS EM *QUARTO DE***  
***DESPEJO E BECOS DA MEMÓRIA*: algumas reflexões de mulheres que se escrevem na**  
**interseccionalidade**

**GARANHUNS – PE**  
**2019**

FELIPE MATEUS BARBOSA ALVES

**TESTEMUNHOS DE MULHERES NEGRAS NAS FAVELAS EM *QUARTO DE  
DESPEJO E BECOS DA MEMÓRIA*: algumas reflexões de mulheres que se escrevem na  
interseccionalidade**

Monografia apresentada à Banca Examinadora como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas Respectivas Literaturas, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns, na área de Literatura Brasileira, para a obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientação da Profa. Dra. Monaliza Rios Silva.

GARANHUNS – PE  
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

A474t Alves, Felipe Mateus Barbosa  
Testemunhos de mulheres negras nas favelas em quarto  
de despejo e becos da memória: algumas reflexões de mulheres  
que se escrevem na interseccionalidade / Felipe Mateus Barbosa  
Alves. – 2019.  
54 f.

Orientadora: Monaliza Rios Silva.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –  
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de  
Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.  
Inclui referências.

1. Literatura brasileira 2. Negras 3. Negras na literatura  
4. Memória autobiográfica I. Silva, Monaliza Rios, orient.  
II. Título

CDD B869

## FOLHA DE APROVAÇÃO

A monografia intitulada **Testemunhos de Mulheres Negras nas Favelas em *Quarto de Despejo e Becos da Memória*: algumas reflexões de mulheres que se escrevem na interseccionalidade**, do discente Felipe Mateus Barbosa Alves, foi apresentada e aprovada.

Aprovado em: 19 de julho de 2019. Média Final: \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_)

### BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Monaliza Rios Silva – UFRPE/UAG

(Orientadora)

---

Profa. Dra. Marcia Felix da Silva Cortez – UFRPE/UAG

(1ª Examinadora)

---

Prof. Dr. João Batista Martins de Morais – UFRPE/UAG

(2º Examinador)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe (**Maria de Fátima**), mulher guerreira e que se fez forte para lutar contra as adversidades que a vida lhe impôs; à minha avó (**Maria do Carmo**), *in memoriam*, pelas lembranças de sua vida difícil compartilhadas comigo, tornando-me mais sensível e humano, e a todas àquelas **Mulheres** que neste trabalho estão representadas em suas diferentes e duras rotinas transformadas em poesia pela literatura dessas duas grandes escritoras.

## AGRADECIMENTOS

Aos **Deuses e Deusas**, pois foi nos braços deles que busquei conforto nos momentos de desespero, quando achei que não fosse resistir e chegar até aqui.

À **Professora Monaliza Rios**, minha orientadora e pessoa de um coração lindíssimo, pela qual nutro uma admiração incrível como pessoa e profissional. Em 2018, após infinitas buscas, fui apresentado a estas brilhantes poetas por outra mulher iluminada. O que eu não imaginava, no entanto, era que elas fossem me tocar tão profundamente. E, assim como as escritas de Carolina e de Conceição, permeadas por suas vivências, transformadas em poesia, o meu eu pesquisador e humano se fundiram em um só. Sou extremamente grato a você, Mona, por a elas me apresentar; por ter enchido as teclas do meu computador, em muitas partes da escrita deste trabalho, de lágrimas.

À minha família, em especial à minha mãe (**Maria de Fátima**), mulher guerreira e que sempre me mostrou os estudos como saída da pobreza e da ignorância; ao meu pai (**Sérgio**), *in memoriam*, que mesmo diante das suas limitações, incentivava-me a buscar meus sonhos e se mostrava orgulhoso de mim; aos meus irmãos (**Vanessa e João Paulo**), pelo companheirismo e pela ajuda durante estes anos de vida e de graduação; à **Gó**, por aguentar meus apanhos, alegrias e lamentações; as minhas tias maternas (**As Marias**), mulheres que nutro uma admiração incrível e que foram essenciais na minha trajetória e aos meus primos e primas pelo carinho. Não menos importante, à minha sobrinha (**Maria Clara**), por ser luz na minha vida.

Ao **Professor Nilson**, quem me apresentou à literatura e à pesquisa através das suas aulas, do grupo de estudo e do PIBIC. Grato ao senhor, Professor!

À banca avaliadora deste trabalho, nas pessoas da **Profa. Dra. Márcia Félix** e do **Prof. Dr. Johnny Martins**. Além de ser grato pelas considerações neste trabalho, sou grato por ter tido a oportunidade de estudar com professores humanos e que acreditam na força da educação.

Aos meus **Colegas de Sala** pelo companheirismo, pelas discussões que formaram um pouco do meu ser pedagógico, pelos risos e também pelas frustrações.

A todos aqueles **Amigos** que não ousou citar nomes, a fim de não esquecê-los, mas que foram e são importantíssimos na minha vida.

Aos meus presentes da UAG, **Leandro** e **Shay**, por serem meu ombro amigo, enxugarem minhas lágrimas, levantarem minha autoestima... Enfim, por dividirem os melhores e os piores momentos destes quatro anos. Sem vocês, teria sido tudo mais difícil, amigos! Amo vocês! Contem comigo sempre!

À **Karla**, a diva do Inglês, minha companheira de uma ambição pessoal significativa demais para os tempos atuais. Obrigado pelo seu sorriso ao longo de todos esses anos, amiga! O mundo é teu!

Ao **CNPq** pela bolsa de iniciação científica (PIBIC) e também à **CAPES** pela bolsa de iniciação à docência (PIBID) durante a graduação. Em um momento de tanto obscurantismo, a educação básica, a superior e a pesquisa precisam estar de mãos dadas para lutar contra todo e qualquer retrocesso.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco (**UFRPE**) – Unidade Acadêmica de Garanhuns (**UAG**), aos **Mestres** desta Instituição pela formação acadêmica, profissional e humana. Não posso deixar de agradecer, também, pela bolsa de Apoio Acadêmico que me ajudou a chegar ao fim desse ciclo. Ademais, agradeço aos profissionais que mantêm esta casa de pé (**técnicos administrativos, Sandra da Xerox, Cris**, pelo seu amor, e **aos funcionários terceirizados**). Gratidão por este lugar!

Ao nosso ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** pela vinda da Unidade Acadêmica de Garanhuns, através do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) e, também, à ex-presidente **Dilma Rousseff** pelos demais programas sociais que ousaram pensar na população mais pobre.

Por fim, e responsáveis por tudo que trago neste trabalho, agradeço a todas as mulheres negras, pobres e de periferias representadas aqui pela **Maria-Nova, Vó Rita, Ditinha, Carolina** e **Conceição**, que mesmo diante de tantas dificuldades e injustiças, são fortes e despertam em mim o sentimento de luta e empatia. Vai ter mulher negra, pobre e de periferia na universidade e onde mais elas quiserem, sim! Saibam que as vozes aqui são de vocês, eu apenas ajudo-as a ecoarem. Carolina e Conceição, não tenho palavras para agradecê-las! Mulheres, negras, pobres, de periferia e poetas. **Transgressoras!** Novos tempos hão de vencer!

**“A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.**

**(Conceição Evaristo)**



## RESUMO

*Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (2015) e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017), apesar de distantes cronologicamente, apresentam em suas narrativas características semelhantes, a saber: mulheres negras, pobres, faveladas e relegadas à marginalidade. No entanto, as duas também trazem um ponto de intersecção positivo: a transgressão testemunhada por mulheres negras em favelas brasileiras. Assim, este estudo, de cunho bibliográfico, tem como objetivo investigar como são testemunhadas as vivências das personagens negras e de periferia, evidenciando, por meio da escrita autobiográfica, como elas se escrevem na interseccionalidade, problematizando, também os romances de memória, levando em consideração os testemunhos trazidos pelas autoras ao longo dos romances. Assim, para tal, foram utilizados os estudos de Lejeune (2008), Calligaris (1998) e Pereira (1999), no que diz respeito ao texto autobiográfico. Halbwachs (2006) e Bosi (2009) nas discussões que envolvem memória e, ainda, os estudos de testemunho de Foucault (1992), Yúdice (1992) e Moreiras (2001). Assim, as análises deste trabalho são sustentadas pelas discussões do feminismo interseccional, aqui discutidos sob o olhar de Davis (2016) e Ribeiro (2017). Diante disso, a contribuição deste trabalho se dá no enaltecimento destas mulheres, bem como reafirmam a necessidade de sua inserção no cânone da literatura brasileira. Por fim, evidenciando como os romances de memória trazem à tona as marcas da escrita autobiográfica, que testemunha os acontecimentos de uma vida.

**Palavras-chave:** Mulher Negra. Interseccionalidade. Autobiografias. Memórias.

## ABSTRACT

In spite of being chronologically distant, they present in their narratives similar characteristics, namely, black women, the poor, the slums and they are both subjected to marginality. However, both also bring a positive point of intersection: the transgression witnessed by black women in Brazilian slums. Thus, this bibliographical study aims at investigating how the experiences of the black and peripheral characters are witnessed, evidencing, through autobiographical writing, how they are written in intersectionality, also problematizing novels of memory, leading in the testimonies brought by the authors throughout the novels. In being so, we used the studies by Lejeune (2008), Calligaris (1998), and Pereira (1999), regarding the autobiographical text. Halbwachs (2006), and Bosi (2009) in discussions involving memory and also the testimonial studies by Foucault (1992), Yúdice (1992) and Moreiras (2001). Thus, the analysis are supported by the discussions in intersectional feminism, discussed herein under the perspective by Davis (2016), and Ribeiro (2017). Therefore, the contribution of this work is given in the exaltation of these women, as well as reaffirm the necessity of their insertion in the canon of Brazilian literature. Finally, evidencing how the novels of memory bring to light the marks of autobiographical writing, which testifies to the events of a lifetime.

**Keywords:** Black Woman. Interseccionality. Autobiography. Memories.

## SUMÁRIO

<b>1. “AQUI O LIXO VAI FALAR, E NUMA BOA” – LÉLIA GONZALEZ .....</b>	<b>10</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	
<b>MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS ONTEM E HOJE: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE ESSA MULHER QUE SE ESCREVE .....</b>	<b>13</b>
2.1 Vozes silenciadas e corpos marginalizados: a busca constante por uma possível equidade de gênero, raça e classe .....	13
2.2 As memórias na construção das narrativas autobiográficas .....	20
2.3 A escrita de si .....	23
<b>3. CAROLINA MARIA DE JESUS: A ESCRITA COMO LIBERTAÇÃO .....</b>	<b>27</b>
3.1 De Sacramento para o mundo .....	27
3.2 “[...] A minha vida até aqui tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” – Carolina Maria de Jesus .....	29
<b>4. CONCEIÇÃO EVARISTO: A ESCRIVIVÊNCIA COMO INSTRUMENTO DE RECORDAÇÃO E DE RESISTÊNCIA .....</b>	<b>38</b>
4.1 Professora por formação, transgressora como missão: Prazer, Maria da Conceição Evaristo de Brito .....	38
4.2 “A gente combinamos de não morrer” – Conceição Evaristo .....	40
<b>5. “EU NÃO ESTOU INDO EMBORA. VOU FICAR AQUI. E RESISTIR AO FOGO” – SOJOURNER TRUTH .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>

## 1. “AQUI O LIXO VAI FALAR, E NUMA BOA” – LÉLIA GONZALEZ<sup>1</sup>

Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre os testemunhos de mulheres negras nas favelas brasileiras, nos romances *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (2015<sup>2</sup>) e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017<sup>3</sup>). Embora distantes cronologicamente, as obras têm em comum a fome, a miséria, a violência e o silenciamento em torno das personagens. No entanto, em meio a esse cenário de marginalidade, a transgressão também é narrada, demonstrando como as personagens usam a escrita como forma de romper a norma.

No primeiro romance é narrado, através de diário, o dia a dia da favela do Canindé, em São Paulo, onde a autora morou. Mulher negra, pobre, mãe solo de três filhos e catadora de lixo, a personagem não desanima em meio às frustrações vividas no seu cotidiano. Seus momentos de tristeza e revolta prevalecem ao longo da narrativa, em que a narradora-personagem também revela suas angústias com os vizinhos da favela e as humilhações vividas por não ter marido; essas humilhações, contudo, são utilizadas pela narradora-personagem como combustível para seu empoderamento que usa a escrita como ferramenta transformadora.

Já o segundo romance é narrado sob o olhar curioso da personagem Maria-Nova, adolescente de treze anos e que é fascinada em ouvir e guardar as histórias dos moradores da extinta favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte, em processo de desfavelamento (gentrificação). Nesta narrativa, as personagens dessa favela vivem os mesmos dilemas sociais e econômicos apresentados no primeiro romance. Em ambos é observado como as personagens femininas, em decorrência de se escreverem na interseccionalidade, sofrem muito mais com esses dilemas que estão longe de acabar e que serão evidenciados no decorrer deste trabalho.

Diante do contexto apresentado pelas narrativas, o presente trabalho surge da indagação em analisar como são testemunhadas as vivências de mulheres negras e de periferia em *Quarto de Despejo* (2015), de Carolina Maria de Jesus e *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo. Assim, a seguinte problematização foi levantada: como são

---

<sup>1</sup> A fala de Lélia Gonzalez, escrita na obra *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), apresentada por Djamila Ribeiro no livro *O que é lugar de fala?* (2017), discute acerca do silenciamento imposto à mulher negra.

<sup>2</sup> Utilizamos, neste trabalho, a 10ª edição, publicada em 2015.

<sup>3</sup> Utilizamos, neste trabalho, a 3ª edição, publicada em 2017.

testemunhadas as vivências de mulheres negras e de periferia nos romances *Quarto de Despejo* e *Becos da Memória*? Assim, a hipótese principal que nos levou até a realização deste trabalho se dá pelo fato de as personagens negras e de periferia serem descritas nas duas obras em questão de maneira similar, a saber: 1- mulheres negras que convivem com a miséria nas periferias de dois grandes centros urbanos; 2- mulheres negras que aturam a violência dentro e fora de casa e que convivem diariamente com o descaso por parte do Estado.

Dessa forma, através dessas narrativas confessionais, pretende-se investigar como são testemunhadas as vivências das personagens negras e de periferia, atentando-se para a discussão dos textos autobiográficos, evidenciada aqui por Lejeune (2008), Calligaris (1998) e Pereira (1999). Faz-se importante discutir, também, sobre testemunho, por meio dos estudos de Foucault (1992), Yúdice (1992) e Moreiras (2001). Ainda, pretendemos problematizar o romance de memória sobre narrativas confessionais e sua marca discursiva, por meio das discussões de Halbwachs (2006) e Bosi (2009). Assim, sob o olhar dos estudos interseccionais de gênero, raça e classe, trazido por Davis (2016), observaremos como essas identidades de mulheres negras e de periferias se autorrepresentam.

Assim, sabendo-se que por muitos anos mulheres, em especial mulheres negras e de periferia, foram rejeitadas pelo cânone da nossa literatura, justificando-se a contribuição desse estudo para a área, no sentido de divulgar e enaltecer o trabalho dessas escritoras, levando em consideração o silenciamento que ainda persiste sobre estas representações. Colaborando, assim, para uma reflexão acerca da memória e testemunho dessas personagens, sob o olhar dos estudos interseccionais de gênero, raça e classe. É interessante salientar, também, que em momento algum o autor tem a intenção de tomar para si o discurso e/ou a identidade das personagens, no que tange à raça, classe e gênero, mas sim analisá-las sob o ponto de vista de seus testemunhos e representativo. É importante frisar, também, que em alguns momentos deste trabalho o autor se refere às escritoras pelos seus primeiros nomes, Conceição e Carolina, como marca de lugar delas, bem como de suas afetividades como pesquisador e crítico.

Por fim, este trabalho, de cunho bibliográfico, está organizado da seguinte forma: capítulo 1, onde se discutirá sobre a mulher negra ontem e hoje, através dos estudos interseccionais de gênero, raça e classe, proposto por Davis (2016), trazendo também contribuições de Ribeiro (2017), a importância da memória, por meio da teorização de

Halbwachs (2006) e Bosi (2009), a escrita autobiográfica, discutida por Lejeune (2008), Calligaris (1998) e Pereira (1999) e, por fim, o testemunho, discutido por Foucault (1992), Yúdice (1992) e Moreiras (2001). No segundo, será analisado o romance *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (2015), e, no terceiro, *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017), evidenciando as questões teóricas discutidas anteriormente, bem como os testemunhos trazidos por estas mulheres, demonstrando as opressões de gênero, raça e classe vivenciadas por elas, assim como o empoderamento feminino e a transgressão que há em ambas as obras. Percebemos, assim, o poder que a escrita, por meio dos testemunhos, representa para a liberdade e enfrentamento à norma dominante, que insiste em silenciar e, conseqüentemente, colocá-las à margem da sociedade, como evidenciado nas obras. Por fim, estão as considerações finais e as referências desta pesquisa.

## **2. MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS ONTEM E HOJE: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE ESSA MULHER QUE SE ESCREVE**

Neste primeiro capítulo, pretendemos discutir questões teóricas, históricas e socioculturais vivenciadas pelas mulheres negras desde o período escravagista até os dias atuais, no Brasil, evidenciando como opressões de gênero, raça e classe estão presentes na sociedade e, conseqüentemente, na escrita de Carolina Maria de Jesus, no romance *Quarto de Despejo*, obra publicada em 1960, e na escrita de Conceição Evaristo, através de *Becos da Memória*, obra publicada em 2006. Assim, por meio da literatura, essas escritoras trazem a miséria, o preconceito, a violência e o esquecimento presentes em suas vivências. Vivências, estas, que ficaram marcadas em suas memórias e constituem esse processo da escrita de si.

Diante disso, nossos diálogos serão pautados, neste capítulo, por: Davis (2016<sup>4</sup>), ao trazer à tona seus discursos sobre o feminismo interseccional e o percurso histórico-sociocultural da mulher negra; Ribeiro (2017), ao discutir o lugar de fala dessas mulheres, ou melhor, o não lugar; Carneiro (1995), que debate aspectos relativos a gênero, raça e classe da mulher negra no Brasil; e Fonseca (2018) que discute a importância das vivências dessas escritoras mineiras para a literatura. Assim, percebe-se que embora essas mulheres tenham tido seus direitos cerceados, elas resistem a essa problemática machista-racista-classista e usam a escrita como forma de protesto e mudança da realidade. Dito isso, precisa-se falar também sobre a importância da lembrança e da memória na escrita dessas autoras, como será discutido por Bosi (2009) e Halbwachs (2006). Além disso, Lejeune (2008), Foucault (1992), Bourdieu (1996), Yúdice (1992) e Moreiras (2001) também servirão como aporte teórico nas discussões que envolvem a escrita autobiográfica. Por fim, este capítulo abordará questões teóricas basilares para as nossas análises nos capítulos seguintes.

### **2.1 Vozes silenciadas e corpos marginalizados: a busca constante por uma possível equidade de gênero, raça e classe**

---

<sup>4</sup> O título original, em Inglês, foi publicado em 1981, mas a versão utilizada aqui é a brasileira, traduzida em 2016, pelo selo Boitempo.

Pensar nas consequências que a escravidão deixou serve como explicação para entendermos o motivo que vulnerabiliza os corpos negros e, conseqüentemente, como parâmetro para as discussões atuais de gênero-raça-classe. Em *Mulheres, Raça e Classe*, a professora da Universidade da Califórnia e ativista pelos direitos negros nos Estados Unidos, Angela Davis (2016) narra os sofrimentos vivenciados pelos escravizados e pelas escravizadas nos EUA e que remetem à violência contemporânea que assola, silencia e marginaliza os corpos das mulheres negras. “Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas” (p. 19). Ou seja, além de serem submetidas aos mesmos castigos que os escravizados, elas eram abusadas sexualmente não somente como forma de satisfação, mas principalmente, como forma de dominação: “[...] o estupro era uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros” (*id.*, p. 36).

Se não bastasse, elas sofriam castigos cruéis até mesmo no período de gravidez, sendo levadas ao açoite e sendo obrigadas a exercer o trabalho pesado em períodos de amamentação e também pós-parto.

Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (DAVIS, 2016, p. 19).

Como Davis (2016) argumenta, de fato, elas não tinham o direito de ser mães ou de exercerem o papel de donas de casa, como era comum nos lares de famílias brancas: “A mulher escrava era antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa” (STRAMPP, 1956, p. 343 *apud* DAVIS, 2016, p. 17). Entretanto, de forma inversa às mulheres brancas, “as mulheres negras não eram diminuídas por suas funções domésticas. Ao contrário dessas, aquelas não podiam ser tratadas como ‘meras donas de casa (*id.*, p. 29)”. Ainda, nas senzalas, as mulheres gozavam de igualdade nas atividades domésticas com os seus companheiros, algo que não acontecia nas famílias das mulheres brancas.

É importante pensar, também, que as mulheres escravizadas nunca aceitaram pacificamente este fardo a elas destinado. Na verdade, aquelas que agiam passivamente sobre as crueldades da escravidão eram minoria, como é discutido por Davis (2016) e que reforça o legado deixado por estas mulheres para as lutas feministas:



As experiências acumuladas por todas as mulheres que labutaram sob o chicote de seus senhores, trabalharam para sua família, protegendo-a, lutaram contra a escravidão e foram espancadas, estupradas, mas nunca subjugadas. Foram essas mulheres que transmitiram para seus descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – em resumo, um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição de mulher (p. 41).

Sojourner Truth, ex-escravizada americana, em pleno século XIX, mais especificamente no ano de 1851, já lutava pelos direitos da mulher, como pode ser lido no discurso proferido por ela na Convenção de Akron, em Ohio, nos Estados Unidos, após os homens defenderem que as mulheres não poderiam ter os mesmos direitos que os eles por elas serem mais sensíveis e com pouco intelecto:

Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negroes) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> TRUTH, Sojourner. **E eu não sou uma mulher?** trad. Osmundo Pinho. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 26/abr./2019.

E assim, após muitas lutas, em conjunto com o movimento abolicionista, a “liberdade”, enfim, acontece nos EUA, em 1863 – no Brasil, em 1888. No entanto, o fim da escravidão não significou o fim das violências sofridas pela população negra. Crianças e adultos negros eram vítimas constantes de assassinatos brutais e de violência por grupos racistas. Na verdade, o que se evidenciou foi um cenário pior que o da escravidão, pois agora a mulher negra tinha que se submeter a trabalhos degradantes para alimentar sua família, ser violentada, muitas vezes em seu próprio lar, e ainda conviver com a escassez de seus direitos. E assim, mesmo tendo se filiado a movimentos em defesa do sufrágio feminino, encabeçados por mulheres brancas feministas, as mulheres negras não tinham suas necessidades ouvidas, pois, para aquelas mulheres, a opressão de raça não era um empecilho para o exercício de sua cidadania. Conseqüentemente, elas se mantinham firmes nos seus objetivos de conquistar o direito ao voto a qualquer custo.

Mas, como essas mulheres lutariam apenas pelo direito ao voto ou por condições dignas de trabalho, se estas, antes de tudo, eram excluídas em razão da sua cor? E é assim que nasce a ideia do conceito de interseccionalidade, termo cunhado pela jurista estadunidense, professora da teoria crítica de raça Kimberlé Crenshaw, no âmbito das leis antidiscriminação, mas também discutido pelas estudiosas da área bell hooks e Audre Lorde, segundo Akotirene (2018). Aqui, no entanto, exemplificado através de Davis (2016), que mesmo antes do termo surgir já defendia a não hierarquização de opressões, mas sim da necessidade de se pensar como elas se entrecruzam e geram novas formas de silenciamento e violências sobre os corpos negros, que historicamente foram sempre colocados à margem da sociedade. Logo, pensar que a mulher branca, na sociedade brasileira, historicamente é vítima de assédio sexual, convive com as desigualdades salariais e de oportunidades em relação ao homem, levamos a refletir, também, sobre como a mulher negra, pobre e de periferia está nesse cenário. Isto porque, neste caso, além de sofrer com as desigualdades de gênero, silenciamento e hipersexualização, ela também é afligida pelo racismo e pela pobreza; ou seja, ela tem experiências em diversas opressões; o que não quer dizer, entretanto, que ela sofra triplamente, pois, assim, estaríamos pensando em hierarquias, algo que não compete aos ideais do feminismo interseccional, como exemplifica Bairros (1995, p. 461 *apud* Ribeiro, 2017, p. 72) “elas experimentam a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista”, como poderemos ver, posteriormente, na escrita de Carolina Maria de Jesus e de Conceição

Evaristo. Diante deste fato, a estudiosa afro-americana destaca em *As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia*<sup>6</sup> que

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 2011).

Esse fato citado pela autora fica mais claro no contexto brasileiro, se observamos os números do Atlas da Violência 2018<sup>7</sup>, estudo realizado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em parceria com o FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública), que reúne dados de casos de violência entre 2006 e 2016. A pesquisa mostra que 71,5% das pessoas assassinadas no país, nesse período, eram pretas ou pardas. O estudo ainda revela que a taxa de homicídios para cada grupo de 100 mil habitantes é de 40,2 para negros e de 16,0 para não negros. O contraste também pode ser visualizado no número de homicídios de não negros, que diminuiu 6,8%, enquanto o de negros aumentou 23,1%. Já se observarmos a questão de raça e de gênero, o número é mais drástico, pois a taxa de homicídios (para cada grupo de 100 mil mulheres de cada segmento) é de 5,3 para mulheres negras, enquanto 3,1 para não negras, ou seja, uma diferença de 71%. Nesses dez anos, também houve uma diminuição no número de mortes de mulheres não negras de 8%, contra o aumento de 15,4% nos casos de mulheres negras.

Essa desigualdade que está relacionada não só ao gênero, mas também com raça e classe, como podemos perceber, é visualizada também no demonstrativo de cargos ocupados pelas mulheres negras ao longo do tempo, segundo um estudo feito entre o IPEA e a ONU Mulheres, divulgado pela BBC Brasil. Nele, há a comprovação de que as mulheres negras e pardas sempre foram maioria nos trabalhos domésticos, correspondendo a 2,6 milhões, em 1995, em relação a um total de 5,3 milhões de trabalhadoras. Desse total, 2,1 milhões eram brancas. Já em 2015, 6,2 milhões de mulheres trabalhavam nessa área, sendo que 3,7 milhões

---

<sup>6</sup> Artigo publicado na página do Geledés (Instituto da Mulher Negra) e disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>>. Acesso em: 19/abr./2019.

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180605\\_infografico\\_atlas\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180605_infografico_atlas_violencia_2018.pdf)>. Acesso em: 01/jun./2019.

eram negras e pardas, enquanto 2 milhões eram brancas. Contudo, esse cenário não é exclusivo do Brasil e nem recente, como discute a pesquisadora:

Durante o período pós-escravidão, a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos. Sua situação, assim como a de suas irmãs que eram meeiras ou a das operárias encarceradas, trazia o selo da escravidão (DAVIS, 2016, p. 98).

Além disso, a maior parte dessas mulheres, assim como na escravidão, sofreram abusos sexuais dos seus patrões, o que exemplifica, mais uma vez, a forma indiscriminada de controle sobre esses corpos: “mulheres de cor eram consideradas como presas autênticas dos homens brancos” (APTHEKER, 1890, p. 699 *apud* DAVIS, 2016, p. 97). A autora ainda conclui que “se elas resistissem aos ataques sexuais desses homens, com frequência eram jogadas na prisão para serem ainda mais vitimizadas por um sistema que era um ‘retorno a outra forma de escravidão’” (DAVIS, 2016, p. 98).

Passados 131 anos desde o período escravagista, no Brasil, as marcas dessa violência brutal ainda são vistas não só no que diz respeito aos lugares que pessoas negras ocupam no mercado de trabalho e nos números da violência. Elas, “as mulheres negras, são desvalorizadas não só socialmente, mas também esteticamente em todos os níveis, como argumenta” Carneiro (1995), no artigo *Gênero, Raça e Ascensão Social*. Como explicação para essa disparidade, a autora levanta a possibilidade da ancestralidade, ou seja, por essas mulheres serem filhas, irmãs e netas de mucamas, que historicamente foram desvalorizadas e desqualificadas.

Vale salientar, também, que a mulher negra é detentora das menores rendas e representa maior parte da população carcerária brasileira, 68%, segundo estudo divulgado em abril de 2018 pelo Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC)<sup>8</sup>, o que as coloca cada vez mais à margem da sociedade. Assim, no lugar de pensar em preferência de luta – em se tratando, principalmente, de uma mulher que vivencia experiências destes três espaços – a filósofa Djamila Ribeiro, no livro *O que é Lugar de Fala?*, diz que “é preciso pensar ações políticas e teorias que deem conta de pensar que não pode haver prioridades, já que essas dimensões não podem ser pensadas de forma separada” (2017, p. 73).

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/68-das-mulheres-encarceradas-no-brasil-sao-negras-aponta-estudo/>>. Acesso em: 18/jun./2019.

Por outro lado, para que isso ocorra, é preciso rever os locais de fala que estas estão e estiveram inseridas nesta sociedade. Lugar, este, que está intrinsecamente ligado ao local social que elas ocupam. Portanto, como argumenta Ribeiro (2017, p. 66): “Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência”. Diante dessa ideia, podemos inferir, então, o motivo pelo qual as mulheres negras não tiveram suas reivindicações ouvidas pelos movimentos feministas e também o motivo de suas vozes serem silenciadas na literatura e nas ciências, pois, como argumenta Gonzales (1984 *apud* DAVIS, 2017, p. 26) sempre houve uma hierarquia do conhecimento em detrimento da classificação racial, da classe e do gênero. Logo, é importante contestar o motivo pelo qual essas mulheres não conseguiram romper estes limites impostos socialmente e pensar alternativas de mudança dessa realidade.

Em virtude disso, Ribeiro (2017) disserta que para quebrar com essa epistemologia branca e dominante é necessário que as mulheres negras e pessoas vítimas de opressões tenham direito à voz. O que não quer dizer, entretanto, que pessoas que não tenham experiências de lugares sociais distintos não possam falar sobre temas dos quais não tenham vivências. Para a filósofa, isso não é lugar de fala, mas sim autoridade discursiva. Lugar de fala é mais que o ato de emitir palavras, é o direito à vida e a condições básicas de cidadania. E ainda: “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 66). Assim, faz-se importante analisar, sobretudo, a questão de como a mulher negra está localizada em nossa sociedade.

Ribeiro (2017) discute que nessa sociedade marcada pelo racismo, desigualdades sociais e de gênero, a mulher negra não ocupa um lugar, pois ela sofre opressões que as coloca cada vez mais em situações de vulnerabilidade. Pois, para a autora “por estarem num lugar no qual as humanidades não foram reconhecidas. Por pertencerem à categoria daqueles que ‘não importam’, certos grupos subalternos não têm direito à voz” (*id.*, p. 76). Em razão disso, a autora defende a necessidade dessas mulheres se autodefinirem e usarem essa ideia como uma forma de enfrentamento da visão colonial. Visão, esta, que discrimina, mata, silencia e impõe limites como forma de manter o poder; e, conseqüentemente, a perpetuação do discurso hegemônico hétero, branco e cis.

Assim, como forma de romper com o silenciamento de suas vozes e reivindicar seus espaços na literatura e no mundo, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mulheres

negras, pobres, mineiras e moradoras de favelas, expõem, através de suas obras, a dureza de suas vivências como discutido pela professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Nazareth Fonseca:

A arte de escrever torna-se a ferramenta utilizada para recompor o vasto painel de experiências de pobreza e de observação atenciosa dos fragmentos de memória com que costura os seus textos. A memória costurada pelos textos expõe-se em versos que recolhem gestos e palavras de mulheres que conviveram com a poesia que pode ser encontrada mesmo na dureza da vida (FONSECA, 2018)<sup>9</sup>.

Nazareth, mulher negra, de vida difícil, mineira e imersa no mundo da literatura, em sua fala remete à importância da memória na construção das obras de Carolina e de Conceição, pois, através das lembranças das autoras, as vivências delas são reconstruídas, por meio do processo de ficcionalização, que transparece os sentimentos de suas personagens moradoras das favelas de duas grandes capitais: Belo Horizonte e São Paulo.

Diante da importância exercida pela experiência de vida na composição das narrativas de ambas as autoras, faz-se importante discutir memória, através dos estudos de Bosi (1994) e de Halbwachs (2006) no subcapítulo seguinte.

## 2.2 As memórias na construção das narrativas autobiográficas

Pensar na importância da memória em nossas vidas é, sobretudo, uma forma de reviver momentos, através das lembranças que marcaram de forma positiva ou não tão positiva nosso ser, conforme argumenta Bosi (2009, p. 419) “O empenho do indivíduo em dar sentido à sua biografia penetra as lembranças com um desejo de explicação”. Assim, por meio delas, Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo* (2015) e Conceição Evaristo, em *Becos da Memória* (2017), narram acontecimentos de suas vidas, de forma a purgar-se de momentos vividos por elas e por pessoas a seus redores, especialmente nas favelas onde ambas as escritoras viveram: “Como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ela, fixando assim seus traços fugidios?” (BOSI, 2009, p. 411).

---

<sup>9</sup> Disponível em: </ <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes/>>. Acesso em: 18/jun./2019.

Para Ecléa Bosi (2009, p. 407), a memória é fruto da interação social, ou seja, ela deriva de uma práxis coletiva. Assim, para a autora “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão ‘aí está alguém que não me deixa mentir’” (*id.*, 2009, p. 407). Essa ideia pode ser confirmada, por exemplo, sempre que Jesus e Evaristo contextualizam suas vivências afirmando que quando tal fato aconteceu estavam na presença de “x” ou de “y”. Ainda, para a autora,

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação (*id.*, 2009, p. 411).

Motivo, então, para Jesus e Evaristo escreverem. Evaristo, através da personagem Maria-Nova, narra os acontecimentos antes do processo de “desfavelamento”<sup>10</sup> da favela Pindura Saia, em Belo Horizonte, como uma forma de relembrar momentos compartilhados com os moradores daquele lugar. Este fato para a literata é tratado como escrevivência, em razão da linha tênue entre suas vivências e a ficção, que discutiremos no capítulo seguinte sobre autobiografia. Já para Jesus, os acontecimentos compartilhados por ela e pelos moradores da favela do Canindé, em São Paulo, têm o intuito de testemunhar os acontecimentos vividos no dia a dia e também de construir uma memória coletiva através da sua individual. Ou ainda como diz Halbwachs (2006, p. 30): “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. No entanto, se mesmo apoiadas na memória de um grupo, não nos lembrarmos desses acontecimentos, não conseguiremos revivê-los: “se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreverem poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança” (HALBWACHS, 2006, p. 33). Ou, também:

Há lembranças que apesar de testemunhadas por outros, tem maior sentido emocional na subjetividade. A perda de um ente querido tem maior repercussão para o parente que para outras pessoas que embora testemunhem, não repercutem profundamente em nós (BOSI, 2009, p. 418).

---

<sup>10</sup> Para David Harvey (1989), o termo “desfavelamento” se refere a um processo de gentrificação, ou seja, de transformação social, por meio da ascensão social de locais antes ocupados por pessoas de baixa renda para um processo de *turning into* classe média.

Esta última citação nos faz refletir sobre o efeito que as memórias dessas escritoras geram em nós, leitores. Pois, apesar de nos colocarmos no lugar delas, através do sentimento de empatia ou identificação, não passamos exatamente pelos mesmos episódios, assim, não repercutindo profundamente, como salientado por Bosi (2009). Logo, a autora levanta outro tipo de memória, a individual, que para Halbwachs (2006 *apud* BOSI, 2009, p. 413) “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Ainda, segundo Bosi, apesar da memória coletiva ser importante, é o indivíduo quem a recorda. Ou, ainda “Os outros podem precisar, mas também podem confundir nossas lembranças. As versões alheias podem interferir, alterando e turvando uma impressão cristalina que gostaríamos de guardar” (*id.*, 2009, p. 414). Para a pesquisadora “Outros fatores também podem interferir na memória, como o lugar que alguém ocupa na consideração de seu grupo de convivência diária, onde há desigualdade de pontos de vista, uma repartição desigual de apreço” (*id.*, 2009, p. 414). Logo, nesses casos, é mais comum que os indivíduos que divergem dos pontos do grupo em comum caiam em maior esquecimento, ainda segundo a pesquisadora.

Já Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo* (2015), fazia questão de guardar, na memória do seu diário, as lembranças das pessoas que ela não gostava como forma de denunciar o mau comportamento da sua vizinhança e, posteriormente, poder prová-las do seu sucesso: “[...] Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos<sup>11</sup>” (JESUS, 2015, p. 20). Evaristo, por sua vez, preferiu guardar as boas lembranças dos que conviveram com ela na sua infância: “[...] Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus” (EVARISTO, 2017, p. 11). Há, no entanto, algo que aproxima as escritas dessas duas mulheres em se tratando de lembranças: o preconceito, a violência, a fome, a miséria e o esquecimento. Assim, podemos dizer que as memórias delas também são políticas:

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar marcando bem o lado que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a (BOSI, 2009, p. 453).

Também se faz importante discutir a relação entre o tempo e a memória, levando em consideração o significado que ele exerce para cada indivíduo de acordo com o momento e o lugar. Bosi (2009, p. 417) discute, por exemplo, que

---

<sup>11</sup> Na obra, o editor preferiu não corrigir os desvios gramaticais, apenas os que dificultavam a compreensão do texto.



O ciclo dia e noite é vivido por todos os grupos humanos mas tem, para cada um, sentido diferente. A noite pode ser um florescimento do social, uma intensificação do amor e da amizade que se expandem e brilham sem as peias da rotina diária. A noite pode ser um lapso de abandono e de medo para a criança, para o solitário que vê as ruas se esvaziarem, para o doente ou o asilado. A noite tem durações diferentes para o trabalhador braçal, para a dona de casa, para o escolar. As jornadas operárias em turnos alternados semanais afetam a coerência da vida da família, roubam o passado e o futuro. Impedem os projetos e a sedimentação das lembranças, lançam o trabalhador num tempo mecânico, homogêneo, onde qualquer ponto pode ser o de origem, onde não há marcos de apoio.

Nesse sentido, podemos perceber a relação do tempo e da memória em que perpassa as narrativas de Carolina e de Conceição. Pois, para a personagem protagonista de *Quarto de Despejo*, a relação em que ela vivenciava com os dias e as noites, na favela do Canindé, por exemplo, era de apreensão, fome, angústia, denúncia e alguns momentos de felicidade. No entanto, a catadora buscava no tempo uma resposta para saída dessa dura realidade, ou seja, o tempo representava a sua salvação da miséria que aconteceria após a publicação do diário. Já em *Becos*, o tempo representa o saudosismo dos tempos em que a favela do Pindura Saia não corria o risco de desaparecer, trazido através das narrativas das personagens, personificando pouco a pouco o fim, onde só restaram as lembranças dos que ali viveram. Acerca disso, percebe-se o quão a memória é afetada pelo social:

Desses exemplos nos fica a ideia de uma apreensão do tempo dependente da ação passada e da presente, diversa em cada pessoa. Um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana (*id.*, 2009, p. 422).

A citação acima corrobora o que acabamos de discutir no parágrafo anterior, de que o tempo é afetado pelo social, levando em consideração, lógico, ele ser constituído, na prática, por uma sociedade que o vê como elemento de transformação. Contudo, em se tratando dos romances, nem sempre o tempo traz mudanças positivas nas vidas dessas personagens.

Tendo em vista a importância das memórias na constituição dos romances de Jesus e de Evaristo, faz-se importante discutir, no próximo subcapítulo, a questão de textos autobiográficos pela visão de Lejeune (2008), Foucault (1992), Bourdieu (1996), Yúdice (1992) e Moreiras (2001).

### 2.3 A escrita de si

Na obra *Quarto de Despejo* (2015), diário confessional de Carolina Maria de Jesus, podemos observar o pacto autobiográfico, conceito criado por Philippe Lejeune, em 1973, aqui discutido através do livro *Pacto Autobiográfico* (2008), entendido como uma proposta do autor, um discurso dirigido ao leitor que visa estabelecer um contrato de leitura, através da identificação entre autor, narrador e personagem, levando em consideração o texto autobiográfico como um gênero e não mais como um documento sobre a vida do autor: “Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima) é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (LEJEUNE, 2008, p. 15). Ainda, para o estudioso, há diferentes formas de identificação de um texto autobiográfico, a saber: 1) quando o narrador e o personagem possuem o mesmo nome, nesse caso remetendo a uma pessoa existente e que seria o autor da obra; 2) o personagem não tem o nome na narrativa, mas o autor dá indícios de identificação com o narrador-personagem, através da apresentação geral da obra e prefácios que remetem ao nome desse autor identificado na capa, e por fim, 3) menção a qualquer fato da sua vida pessoal. Logo, esse pacto pode ser visto de forma direta – no caso de *Quarto de Despejo*, de Jesus e/ou indireta – no caso de *Becos da Memória*, de Evaristo.

Em se tratando de *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, por exemplo, a autora adverte que “[...] nada que está narrado em *Becos da Memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade” (EVARISTO, 2017, p. 11). Para Lejeune (2008) também é possível observar que existe uma linha tênue entre o real e o ficcional. Sendo assim, podemos propor uma relação entre a obra com o romance autobiográfico – ainda que não a possamos afirmar, em razão dos biografismos presentes na obra. Cabe, então, a necessidade de mencionar a diferença entre a autobiografia e o romance autobiográfico para o estudioso francês, sendo a primeira definida como: “narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14). Já a segunda caracteriza-se como um:

personagem fictício que conta a sua história que, apesar do leitor pensar que esta história narrada é exatamente a do autor por ter acesso a outras fontes que comprovem sua suspeita, o autor escolheu negar essa identidade ou não afirmá-la (*id.*, 2008, p. 25).

Foucault (1992 *apud* SILVA, 2015) também discute aspectos relativos à escrita de si, na obra *O que é um autor?*, afirmando, inclusive, que o ato de tornar público o movimento interno é uma forma do autor purgar-se de sentimentos, assim, aliviando uma dor indizível.

Com efeito, as palavras do estudioso francês são bem exemplificadas nas obras das autoras estudadas neste trabalho. Carolina Maria de Jesus, através do seu diário, expõe sua desilusão com a vida, sua experiência cotidiana com a dor da fome penetrada com a do esquecimento. Não diferente, Conceição Evaristo, em *Becos da Memória*, também realiza esse movimento.

Diante disso, Silva (2015, p. 77) afirma que “a história de vida conota a união de acontecimentos de uma história pessoal, narrada através de relatos dessa mesma história”, corroborando, assim, o que foi dito anteriormente. Bourdieu (1996 *apud* SILVA, 2015), por sua vez, em *A Ilusão Biográfica*, discute que enquadrar uma história de vida em um deslocamento linear (com início, meio e fim) não passa de uma ilusão. Não menos importante, Yúdice (1992) e Alberto Moreiras (2001), discutem acerca do testemunho. Para Yúdice (1992 *apud* SILVA, 2015), testemunho está relacionado com os vários tipos de discurso que variam entre a história oral e popular e os textos literários: “Testemunho é um termo que se refere a muitos tipos de discurso, da história popular e oral (histórias de pessoas) que procura dar voz ao ‘sem voz’” (YÚDICE, 1992, p. 207).<sup>12</sup> Por meio dessa discussão, é importante entender, também, que o testemunho dar voz àquele que não tem e/ou não teve a oportunidade de exercê-la. Percebe-se, também, que ao narrar suas vivências e de seu povo, Jesus e Evaristo dão voz aos seus, mas também os inscreve por meio da memória. Em *A Aura do Testemunho*, Moreiras (2001) escreve sobre a importância da solidariedade do testemunho: “O sujeito do testemunho, em virtude de seu testemunho, faz uma reivindicação do real, em relação ao qual apenas a solidariedade ou a sua recusa são possíveis” (p. 267). Logo, a solidariedade está sujeita a aceitação do leitor em relação ao que é testemunhado pelo autor. Se ele o aceita, é sinal de que houve uma identificação com as narrativas testemunhadas e apresentadas como verdades para ele pelo testemunho, ou seja, estamos falando da coparticipação como sujeito do testemunho. Já se ele não o aceita, o inverso acontece.

A solidariedade da qual trata Moreiras, pode ser entendida, ainda, como um “aparato emocional que permite nossa identificação metafórica com o outro e uma conversão dupla do outro em nós, e de nós no outro” (p. 257). Essa identificação funciona, nas narrativas analisadas, de forma a levar o leitor a conhecer e até reviver não só o dia a dia nas favelas, mas também a conhecer o mais profundo dos sentimentos das personagens, de forma a criar no leitor um vínculo com elas; uma empatia.

---

<sup>12</sup> “Testimonio’ es un término que se refiere a muchos tipos de discurso, desde la historia oral y popular (people’s history) que procura dar voz a los ‘sin voz’” (YUDICE, 1992, p. 207).

Conclui-se, então, a importância de todos esses elementos na constituição das narrativas confessionais que servirão como suporte para as análises dos dois romances que discutiremos nos dois capítulos que seguem: 1) *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (2015) e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017).

### 3. CAROLINA MARIA DE JESUS: A ESCRITA COMO LIBERTAÇÃO

Neste segundo capítulo, discutiremos sobre a vida de Carolina Maria de Jesus; mulher negra, pobre, favelada e mãe solo, bem como analisaremos os testemunhos de Carolina sobre ela e outras mulheres moradoras da favela do Canindé-SP, narrados em *Quarto de Despejo* (2015), diário íntimo da escritora. Partindo-se do pressuposto de que essas mulheres, em sua maioria, são vítimas de diversas opressões que envolvem questões de gênero, raça e classe, a obra em questão evidencia, e mais que isso, denuncia como essas diversas formas de opressão geram silenciamento dos seus corpos e os marginalizam. Logo, poderíamos levantar a hipótese de que a escrita exerce papel fundamental nesse processo, possibilitando que a escritora se purgue dos sentimentos vividos na dura rotina, na favela do Canindé, em São Paulo, como discutido por Foucault (1992), em *O que é um autor?*. Assim, expondo o cenário da fome, do abandono, da violência, da miséria, mas também da transgressão, tendo a literatura como precursora dessas vivências.

Para tanto, além dos autores discutidos no capítulo anterior, também se farão necessárias as discussões de Dalcastagnè (2015), ao falar sobre o espaço das mulheres negras na literatura brasileira contemporânea; Calligaris (1998), ao discutir os objetivos das autobiografias e diários íntimos; Pereira (1999), ao discutir o interesse pelas trajetórias individuais, percorrendo acerca das histórias de vida, biografias e autobiografias. Assim, este capítulo trará discussões sobre uma das maiores escritoras da literatura brasileira: Carolina Maria de Jesus.

#### 3.1 De Sacramento para o mundo

Mineira, nascida em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento-MG, Carolina Maria de Jesus, conhecida, também, como Bitita, filha de Dona Cota – mulher negra, pobre e moradora de favela, estudou até o segundo ano do primário, em razão de precisar trabalhar para ajudar no sustento de sua família. Na década de 1930, Jesus se muda para São Paulo-SP, onde trabalhou por um tempo como doméstica, embora, após engravidar do primeiro filho, foi

parar nas ruas e, posteriormente, passou a morar na favela do Canindé e a catar lixo para sustentar seus três filhos – Vera Eunice, José Carlos e João José.

Jesus, a poeta dos pobres, buscava na escrita uma forma de desabafar seus sofrimentos diários, as injustiças, a fome e principalmente a revolta social: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (JESUS, 2015, p. 195)<sup>13</sup>. A escrita, para a autora, também tinha outro papel: “para adquirirmos boas maneiras e formarmos nosso caráter” (JESUS, 2015, p. 194). Segundo ela, o interesse foi incutido pela sua professora, Dona Lanita Salvina, ainda em Sacramento. O que Jesus não imaginava, talvez, era que sua obra, *Quarto de Despejo*, seria primordial para revelar como se dá as opressões de gênero, raça e classe nas favelas do Brasil, especialmente nas da grande capital paulista.

Nos papéis que ela encontrava no lixo, escreveu mais de 4.500 páginas, manuscritas em 37 cadernos, segundo Castro; Machado (2007). Em *Quarto de Despejo*, obra organizada pelo jornalista Audálio Dantas e que reuniu o cotidiano da autora entre os anos de 1955 a 1960 – tendo uma pausa entre os anos de 1956-1957, retornando à escrita em 1958, Carolina narra o dia a dia na favela do Canindé, em São Paulo-SP, a fome vivenciada por ela e seus três filhos, a difícil relação com seus vizinhos e a revolta social que a acompanhava, permeada pelos contrastes com os bairros nobres da capital. O título do livro, inclusive, se dá por meio dessa evidência: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 2015, p. 37).

Assim, em 1960, *Quarto de Despejo* é publicado pela Livraria e Editora Francisco Alves, com recorde de vendas, chegando à marca de 100 mil cópias na primeira semana de lançamento. Além da surpresa em ficar famosa em tão pouco tempo, Carolina Maria de Jesus também foi surpreendida com a ida de Clarice Lispector ao lançamento de seu livro. Um encontro épico, em que ambas as autoras demonstraram as suas impressões sobre suas escritas. Para além disso, após a publicação da obra, Jesus realizou seu sonho: mudar-se da favela; ter, enfim, uma casa de alvenaria. Além da ascensão econômica, a obra em questão

---

<sup>13</sup> A citação não se encontra nas páginas do diário *Quarto de Despejo*, mas sim em uma seção, ao fim do livro, onde estão algumas frases ditas pela autora em entrevistas.

também trouxe fama à escritora. *Quarto de Despejo* foi publicado em mais de quarenta países, sendo traduzido para treze idiomas. Este fato surpreendeu a própria escritora, pois, segundo ela, ali só estava sendo denunciada a vida miserável de favelados. No entanto, as obras posteriores como *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-Favelada* (1961), o romance de memória *Provérbios* (1963), *Pedaços da Fome* (1963), *Diário de Bitita* (1986), a *Antologia de Poemas* (1996) e *Meu Estranho Diário* (1996) não alcançaram sucesso.

Carolina Maria de Jesus termina sua vida isolada em um sítio, no interior de São Paulo, na cidade de Parelheiras. Vitimada por uma crise asmática, a poeta dos pobres, assim como ficou conhecida, morre em 13 de fevereiro de 1977. Jesus, mulher negra, pobre, favelada, mãe solo, que durante toda sua vida foi silenciada, morreu sufocada não só pela crise asmática, mas também pelo esquecimento. Logo, pensar que o cânone da literatura brasileira é majoritariamente masculino, hétero, cis, branco e rico, faz-nos repensar, também, a luta que existiu e existe para que escritoras negras, assim como Carolina Maria de Jesus, possam adentrar esses espaços e romper com a hegemonia dominante.

Por fim, no subcapítulo seguinte, analisaremos como estão representadas as personagens negras apresentadas por Jesus, levando em consideração esta também ser uma personagem do seu próprio diário. Assim, serão evidenciadas características que reafirmam o arcabouço teórico discutido até aqui, bem como novos que serão trazidos, por meio do espaço da narrativa, das revelações da narradora-personagem como a fome, os casos de violência entre seus vizinhos, as agressões contra a mulher, o racismo, a tristeza, as relações amorosas, a prostituição, as decepções, o seu fazer político e os momentos de alegria. Diante disso, espera-se chegar a uma análise que corrobore a justificativa de pesquisa: de que a mulher negra, pobre e de periferia está representada em condições desumana. Logo, percebe-se como um testemunho da memória individual pode espelhar a memória coletiva, inclusive de uma favela que não existe mais.

### **3.2 “[...] A minha vida até aqui tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” – Carolina Maria de Jesus<sup>14</sup>**

---

<sup>14</sup> A citação encontra-se no livro *Quarto de Despejo*, na página 167, na narrativa do dia 28 de maio de 1959.

Iniciar o subcapítulo de análises com a própria escritora e também personagem do diário a ser analisado, já é uma forma de antecipar o que está por vir. Carolina Maria de Jesus, nas dezenas de cadernos manuscritos encontrados no lixo da cidade de São Paulo, quis não só purgar-se das dores que a assolava e a seus próximos, denunciando-as, como também expor sua face de poeta, esta já antecipada quando ainda pequena, por um médium amigo de seus familiares, em Sacramento-MG. Nas páginas encardidas de seu diário, a miséria e a fome são as personagens principais da narrativa, estando presentes desde a primeira até a última página:

[...] Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas os custos dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 2015, p. 11).

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiencia de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duro, mas estava recheiado com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café puro [...] (JESUS, 2015, p. 99).

Ainda: “Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. Porque eu tinha só feijão e sal. E amanhã é domingo” (JESUS, 2015, p. 108). No último dia de narração do seu diário, não diferente dos outros, a fome também aparece: “A pior coisa do mundo é a fome!” (JESUS, 2015, p. 191). E, assim, Jesus, que tinha o sonho de sair daquela vida difícil e marcada pela pobreza, usa seu diário como forma de confessar, justificar e até mesmo de inventar um novo sentido, algo que é discutido por Calligaris (1999) como um dos motivos da escrita de diários íntimos e textos autobiográficos: “Voltei para o meu barraco imundo. Olhava o meu barraco envelhecido. As tabuas negras e podres. Pensei: está igual a minha vida!” (JESUS, 2015, p. 175). Interessante analisar que o gênero diário figura como um suporte para a predominância das características autobiográficas presentes na escrita de Carolina Maria de Jesus, pois há uma identificação com o pacto autora-narradora-personagem, como proposto por Lejeune (2008). Há, ainda, a narradora, a autora e a personagem como tendo o mesmo nome – Carolina, bem como os nomes de seus vizinhos, que a fim de evitar problemas jurídicos, a editora preferiu colocar apenas as letras iniciais.

Calligaris (1999, p. 53) discute sobre a verdade nos textos autobiográficos. Para o autor, “a verdade está em uma linha de ficção, sob a condição de entender que ficcionalizar a própria vida é o jeito ocidental moderno de orientá-la e reorientá-la”, como podemos perceber neste trecho: “Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula



no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela” (JESUS, 2015, p. 58). O ato de “inventar” um universo paralelo ao vivido pela autora pode nos fazer pensar, assim, que a autora escreve seus testemunhos da forma que melhor lhe convém. Ou seja, visando ao efeito final da obra, já que a mesma sempre teve o sonho de publicá-lo. Logo, corroborando o pensamento de Lejeune (1998), quando ele afirma que há uma linha tênue entre o real e o ficcional. Sendo assim, a realidade da fome é retratada na escrita de Jesus como personagem de ficção: a fome tem corpo e tem face.

Os registros do seu dia a dia na favela do Canindé-SP trazem à tona características de pessoas relegadas à marginalidade pela sociedade patriarcal, heteronormativa, elitista e branca: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!” (JESUS, 2015, p. 32), fazendo alusão ao passado histórico da escravidão, agora em nova roupagem. Assim, revelando as consequências da escravidão, já mencionadas no primeiro capítulo desta pesquisa, que são vistas nas desigualdades sociais vivenciadas pela população negra no Brasil, levando em consideração que esta população é a que está mais vulnerável à pobreza, à violência. Segundo a Atlas da Violência 2019<sup>15</sup>, 66% das mulheres mortas eram negras e, ainda, 39,6% das mulheres negras estão em condições precárias de trabalho, segundo o IPEA. Mesmo que esses dados se refiram ao ano corrente, podemos entender que à época de Jesus, tal qual aos dias atuais, as condições de opressão eram purgadas através da escrita que resistia ao quebrar com o silenciamento imposto à mulher negra de antes e de agora. Para Ribeiro (2017, p. 45), “quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”. Ou seja, a escrita de Jesus é uma forma de reivindicar seu lugar de fala que historicamente foi negado à mulher negra.

Ou, ainda, como discute Dalcastagnè (2015), a escrita é uma forma de ela se afirmar como indivíduo, de participar da coletividade, espaço, este, destinado à hegemonia branca. Portanto, faz-se importante evidenciar que lugar de fala está relacionado ao lugar social em que a pessoa ocupa na sociedade; ao poder e controle sob os corpos daqueles mais marginalizados. Em se tratando de uma mulher negra, pobre e de periferia, a narrativa de *Quarto de Despejo* deixa clara o quanto estes corpos são silenciados e, conseqüentemente, violentados: “[...] Esta noite a Leila começou a insultar o baiano senhor Valdomiro. Chingou até as 2 horas. Ele resolveu espancá-la” (*id.*, 2015, p. 160).

---

<sup>15</sup> Disponível em: </ [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/190626\\_infograficoatlas\\_2019.pdf/](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/190626_infograficoatlas_2019.pdf/)>. Acesso em: 18/jun./2019.

A violência pode ser vista, também, sob a forma do racismo, descrito nas páginas do diário: “[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta” (*id.*, 2015, p. 64).

[...] Depois fui no açougue Bom Jardim comprar carne. Cheguei no açougue, a caixa olhou-me com um olhar descontente. – Tem banha? – Não tem. Entrou um japonês e perguntou: Tem banha? Ela esperou eu sair para dizer-lhe: - Tem. Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. Ordinária! (JESUS, 2015, p. 151).

Diante disso, sobre a escrita de si, termo encontrado em Michel Foucault em seu livro *O que é um autor?* (1992), percebe-se esta ação humana como movimento interno e como conscientização de quem escreve. O ato de tornar público o que é movimento interno recorre à escrita de si, assim como agressor se purga na confissão. Dessa forma, a narrativa constitui em um alívio à dor indizível, mas se quer relatada/revelada, ora como papel de prova de verdade, ora através de “abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio” (FOUCAULT, 1992, p. 132).

O contraste apresentado no espaço da narrativa, que consiste na favela do Canindé e em bairros da cidade de São Paulo, serve como pano de fundo para evidenciar as desigualdades sociais: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2015, p. 32). Sempre que ia catar lixo nos bairros nobres de São Paulo, Carolina Maria de Jesus, em muitos momentos do diário, fazia questão de narrar suas impressões e ficava abismada com tamanha beleza dos espaços, principalmente dos jardins da cidade. Em se tratando de representação, entendemos que a escrita é uma forma de marcar os espaços que são relegados ao silenciamento, até o completo apagamento. Sendo assim:

Buscar, nas representações da cidade aquilo que não se quer ali – aqueles que habitam seus desvios, que ameaçam seus muros, os que foram jogados, desde sempre, para o lado de fora. É preciso um esforço considerável para se encontrar, em meio a uma literatura tão marcadamente de classe média, branca e masculina como a brasileira, uma construção diferente sob a experiência urbana contemporânea. Carolina Maria de Jesus permanece, assim, como marco fundamental para se ver e escrever, a cidade para além da “perspectiva do alpendre”. Revisitar sua obra, portanto, é um ponto de partida obrigatório quando se pretende entender as possibilidades poéticas e políticas desse olhar de fora. (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 41-2).

Almeida (2015), no artigo *Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea*, enfatiza o caráter emotivo e afetivo relacionado ao

espaço contemporâneo. Percebemos, assim, que para Jesus, “a favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o diabo” (JESUS, 2015, p. 91). É, pois, comprovado que daquele lugar ela não guarda boas lembranças; na verdade, Jesus fala mal o tempo todo da favela, descrevendo as maldades dos seus vizinhos e as infinitas discussões, por exemplo.

A narradora-personagem, por sua vez, também expõe os casos de prostituição vivenciados pelas mulheres da favela, fato que revela, mais uma vez, a vulnerabilidade em que os corpos de mulheres negras são submetidos: “A I. separou-se do seu marido e está morando com a Zefa. O esposo dela encontrou ela com o primo. Agora I. veio comercializar o seu corpo, na presença do esposo” (*id.*, 2015, p. 127). “A I. e a C. estão começando a prostituir-se. Com os jovens de 16 anos. É uma folia. Mais de 20 homens atrás delas” (*id.*, 2015, p. 127).

Em toda a obra, Carolina apresenta narrativas que não se restringem a favela, inclusive suas impressões políticas, argumentando sua insatisfação com os políticos, alegando que eles pouco se importam com os favelados: “Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos” (*id.*, 2015, p. 33) e também: “[...] Quando eu fui almoçar fiquei nervosa porque não tinha mistura. Comecei ficar nervosa. Vi um jornal com o retrato da deputada Conceição da Costa Neves, rasguei e pui no fogo. Nas épocas eleitorais ela diz que luta por nós” (*id.*, 2015, p. 113). A insatisfação com os personagens políticos é retratada em praticamente toda a obra, constatando o entendimento da personagem principal que fazia questão de discutir, inclusive, fora da favela seu posicionamento.

Além disso, as discussões com seus vizinhos são constantes, pois, para eles, Carolina era “uma negra amostrada”: “Fique horrorizada! Haviam queimado meus cinco sacos de papel [...]” (*id.*, 2015, p. 27). A fim de enfrentá-los, ela afirmava que iria colocá-los em seu livro: “Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente [...]” (*id.*, 2015, p. 78). Percebe-se, assim, a escrita como instrumento de poder, despertado através do testemunho dentro da favela: “A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse: - Você é mesmo uma vagabunda [...]” (*id.*, 2015, p. 20). Para a personagem protagonista, este testemunho mais tarde revelaria a verdade de morar em uma favela, trazendo à tona as afetividades ali vivenciadas pela autora que são, em sua maioria, de discussões que geram uma revolta social na narradora-personagem e servem como combustível para sua escrita:

[...] Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (JESUS, 2015, p. 20).

Em meio a tantas adversidades, Jesus se mostra ao longo de toda narrativa como uma mulher empoderada, que não se cala e sabe se posicionar diante dos fatos. Mãe solo, a poeta se preocupava em criar seus filhos e ser livre sem se preocupar com homens. Contudo, sempre que discutia com suas vizinhas, as mesmas sempre a desmereciam por não ser casada. Carolina sempre as respondia: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (*id.*, 2015, p. 17). O que não quer dizer, entretanto, que ela não tenha tido relacionamentos amorosos. Durante a narrativa, a personagem narra os casos que tinha com alguns homens. Os mais comentados são com o Sr. Manoel e o Cigano, por quem ela nutriu uma verdadeira paixão: “[...] Abraçou-me e beijou-me. Contemplei a sua boca adornada de ouro e platina. Trocamos presentes. Eu dei-lhe doces e roupas para os seus filhos e ele deu-me pimenta e perfumes. A nossa palestra foi sobre arte e musica” (*id.*, 2015, p. 149).

Apesar dos falatórios das mulheres da vizinhança, Carolina não se deixava abater, ao contrário, demonstrava sempre sua independência:

[...] A minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade” (JESUS, 2015, p. 16).

Assim, essa narrativa se repete ao longo de todo o diário, confirmando o papel de mulher transgressora de Carolina, que perpassa os campos do sensual e do sexual: “Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe despresando. Disse-lhe: Não! É que eu estou escrevendo um livro, para vende-lo” (*id.*, 2015, p. 27). Essa citação evidencia bem o quão independente e preocupada com seu futuro e dos seus filhos a autora era. Carolina gostava da independência: “[...] Tem um português que quer morar comigo. Mas eu não preciso de homem. Eu já lhe supliquei para não vir aborrecer-me” (*id.*, 2015, p. 162).

Carolina de Jesus, no entanto, se encanta pelo Sr. Raimundo, mais conhecido como Cigano que, segundo ela, lhe deixava com a mente inquieta. Apaixonada, a poeta cogita um relacionamento que era impedido pelo jeito nômade do sujeito: “[...] Ele saiu e eu fiquei pensando. Ele não estaciona. É o seu sangue cigano. Pensei: se algum dia este homem for

meu, hei de prendê-lo ao meu lado. Quero apresentar-lhe o mundo de outra forma” (*id.*, 2015, p. 153). Em contrapartida, o relacionamento com o Cigano não dá certo e Carolina mais uma vez demonstra a sua independência, afirmando que ela não precisa de homem para viver:

Não pensas que vais conseguir  
o meu afeto novamente  
o meu ódio vai evoluir  
criar raízes e dar semente (JESUS, 2015, p. 159).

O seu empoderamento sexual era demonstrado sem nenhum tabu, quando, por exemplo, a sua vizinha, D. Adelaide, chega ao seu barraco e a questiona sobre o Sr. Manoel, no intuito, segundo Carolina, de diminuí-la: “Mas ela chegou tarde demais, porque a nossa amizade é igual uma raiz que segura uma planta na terra. Já está firme. Dormi com ele. E a noite foi deliciosa” (*id.*, 2015, p. 169). Logo, percebemos que durante a narrativa, permeada por momentos de miséria, tristeza, preconceito, abandono e diversas opressões que reafirmam a importância de se discutir a não hierarquização dessas, mas sim como elas geram novas formas de silenciamento e violências, conforme Davis (2016), a personagem desse diário vive o legado deixado pelas mulheres negras escravizadas, como também afirma Davis (*id.*), de uma mulher que transcende.

Carolina, também, rompe com os papéis de gênero predominantes na sociedade, demonstrando-se disposta a tudo para defender sua família, como em uma briga com um vizinho, Victor, que após afirmar “ter sido vacinado com sangue de lampião” e prometer “quebrar-lhe a cara”, recebe uma resposta inesperada da autora:

Mas eu lhe ensinei que  $a$  é  $a$  e  $b$  é  $b$ . Ele é de ferro e eu sou de aço. Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatríveis. Ele deixou de me aborrecer porque eu chamei a radio patrulha e ele ficou 4 horas detido [...] (JESUS, 2015, p. 48).

Essa coragem e enfrentamento também podem ser visualizados aqui, quando a personagem protagonista enfrenta um homem, o qual ela chama de Preto, e tenta amedrontá-lo, em busca de lenhas e, conseqüentemente, da sua proteção:

Ele estava pondo as lenhas dentro do caminhão. Olhou-me com desprezo e disse: – Maloqueira! – Por eu ser da maloca é que você não deve mecher comigo. Eu estou habituada a tudo. A roubar, brigar e beber. Eu passo 15 dias em casa e quinze dias na prisão. Já fui sentenciada em Santos. Ele fez menção de agredir-me e eu disse-lhe: – Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira. Um nordestino está me dando aulas. Se vai me bater pode vir. Comecei a apalpar os bolsos. – Onde está minha navalha? Hoje o senhor fica só com uma orelha. Quando eu bebo umas pingas fico meio louca. Na favela é assim,

tudo que aparece por lá nós batemos e roubamos o dinheiro e tudo que tiver no bolso. O preto ficou quieto. Eu vim embora [...] (JESUS, 2015, p. 82-84).

Contudo, Carolina não era nada do que ela disse ser para o homem. Na verdade, como ela diz em suas próprias palavras “eu desafiei o preto porque sabia que ele não ia vir. Eu não gosto de briga” (*id.*, 2015, p. 84). Apesar de não gostar de briga, ela sabia que precisava, nesse mundo tão caótico, enfrentar o que fosse para proteger os seus e garantir-lhes o mínimo para sobrevivência. Ela era, assim como muitas, a chefe de família, representava o papel da mãe e do pai, já que os pais dos seus filhos não eram presentes. No dia dedicado aos pais, por exemplo, ela classificava assim: “Dia do papai. Um dia sem graça” (*id.*, 2015, p. 108). Transgredir era uma necessidade e assim o fez.

Diante disso, percebemos, neste capítulo, que a construção das personagens femininas negras é traçada, através do testemunho de Carolina, pela miséria, fome, violência e abandono. Estas opressões, como discutido por Davis (2016) geram novas formas de silenciamento e violência sobre estes corpos. Logo, Ribeiro (2017) propõe que se pense o mundo não apenas do lugar de partida individual, mas a saber que existem outros lugares e que muitos destes colocam pessoas em situações de desigualdades, como demonstrado aqui. São justamente essas situações que também podem colaborar para o apagamento de Carolina Maria de Jesus do cânone da literatura brasileira. A escritora que mais vendeu livros fora do país, por consequência da manutenção da hegemonia branca, machista e elitista, ainda é pouco discutida nas salas de aula da educação básica e superior do Brasil.

Assim, por meio da sua escrita autobiográfica, que atesta os momentos vividos durante sua passagem pela favela do Canindé, Jesus denuncia as injustiças sociais, mas também reivindica seu lugar de fala e humanidade, deslegitimados pela norma colonizadora, conforme Ribeiro (2017, p. 92): “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia”. Além disso, devemos lembrar que, em se tratando de um lugar de fala que destoa do hegemônico, a interseccionalidade aparece como forma a entender que as relações sociais, e de poder, não atuam de forma isolada, mas interligada. As relações de gênero, raça e classe são constantemente relatadas/denunciadas nesta narrativa. E embora essas opressões de gênero, raça e classe se façam presentes nos testemunhos de Carolina, a personagem protagonista é marcada pela transcendência; esta sendo espelhada na sua liberdade sexual, independência financeira, empoderamento de raça, quando, por exemplo, é vítima de racismo e, também, nos momentos em que impõe seus desejos, independente dos comentários que desmascaram o

machismo cotidiano. Carolina não é uma. Carolina representa várias mulheres espalhadas pelo mundo tão covarde e excludente, mas, estas, insistem em dizer à norma: Nós resistimos!

Por fim, no capítulo seguinte analisaremos o romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, de forma a demonstrar como sua escrita traz as vivências; as memórias de um povo à tona. Ou melhor, usando o termo da própria autora, suas escrevivências, de forma similar à escrita de Carolina Maria de Jesus.

#### **4. CONCEIÇÃO EVARISTO: A ESCRIVIVÊNCIA COMO INSTRUMENTO DE RECORDAÇÃO E DE RESISTÊNCIA**

Neste terceiro capítulo, de modo semelhante ao anterior, discutiremos a respeito da vida de Conceição Evaristo, mulher negra, pobre e ex-moradora da extinta favela Pindura Saia, em Belo Horizonte. Ainda, falaremos sobre a importância das suas vivências para a escrita, que testemunha as memórias de uma vida nitidamente marcada pela miséria, violência e silenciamento. No entanto, a escrita é vista, aqui, como um instrumento de transgressão, que permite às mulheres representadas nesta narrativa romper com o silenciamento a elas imposto. A escrita, portanto, de modo similar a de Carolina, representa poder.

Assim, por meio da narrativa, que transborda poesia ao longo das páginas, analisaremos o testemunho da jovem mulher negra, que em muitos momentos se (con)funde com a realidade da escritora e da narradora-personagem, assim, demonstrando traços de uma escrita autobiográfica como bem discutido por Calligaris (1998), por Lejeune (2008) e também por Pereira (1999). A discussão vista nos parágrafos anteriores sobre o testemunho também será de grande apreço nesta análise, pois, conforme Yúdice (1992), o testemunho é uma forma de dar voz aos sem voz, assim como a solidariedade do testemunho, discutida por Moreiras (2001), que simboliza a coparticipação do leitor nessa empreitada.

Não menos importante, as discussões sobre memória, trazidas no capítulo teórico por Bosi (2009) e Halbwachs (2006) servirão de aporte teórico, assim como as discussões sobre memória e cidade na narrativa brasileira contemporânea de autoria feminina, de Miranda (2013). Assim, será analisado como, através do testemunho, essas mulheres se escrevem na interseccionalidade.

##### **4.1 Professora por formação, transgressora como missão: Prazer, Maria da Conceição Evaristo de Brito**

Nascida em Belo Horizonte, no ano de 1946, Maria da Conceição Evaristo de Brito, de família pobre e moradora de favela, mudou-se em 1970 para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como professora da rede pública, por sua formação inicial no magistério. Formou-se em



Letras pela UFRJ, fez mestrado pela PUC-Rio e doutorado em Literatura Comparada pela UFF.

Conceição, mulher negra, mãe e de periferia, iniciou sua carreira como escritora em 1990, – apesar de escrever desde pequena, quando publicou contos e poemas na série *Cadernos Negros* – lugar este que ela continua em atividade. Em 2003, a autora publicou seu primeiro romance autoral: *Ponciá Vicêncio*, que teve grande repercussão e foi traduzido para o Inglês, Espanhol e Francês. Em 2006, após vinte anos engavetado, foi publicado *Becos da Memória*, pela Mazza Editora. Mais tarde, *Becos* chegou a sua 3ª edição, agora, pela editora Pallas. A autora também escreveu outros livros como o de contos: *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2001), *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008), *Olhos D'água* (2014) e *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016), ambos os últimos também de contos. A proximidade das obras não se dá apenas cronologicamente, mas também pelo teor social que elas representam. Elas trazem em si as vozes de excluídos sociais, tais como mulheres, mulheres negras, meninos e meninas favelados, prostitutas, bêbados, mendigos, desempregados e tantas outras pessoas deixadas à margem pela sociedade.

É importante salientar, inclusive, que todas as obras trazem a marca da escritora: partes do que a autora vivenciou e teoriza como *escrevivência*. Essa *escrevivência*, conforme Oliveira (2009) é a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. Em *Becos da Memória*, por exemplo, a personagem protagonista Maria-Nova é confundida com a escritora em todo o romance, através das experiências colecionadas pela menina e narradas pela autora, em muitos momentos, como alguém que fez parte daquilo. Esse fato é citado pela Conceição na introdução do livro:

Quanto à aparência de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange (EVARISTO, 2017, p. 12).

Hoje, aos 72 anos, Conceição ainda mantém aquilo que por muito tempo foi preservado longe dos seus: a escrita. A escrita que testemunha o descaso, a miséria, a violência e a crueldade perpetrada por um sistema que incide cruelmente sobre os mais pobres; sobre os mais desumanizados. Mas é essa escrita que, também, ousa romper com a hegemonia dominante e diz até as últimas páginas de *Becos*: Nós resistimos! Maria-Nova, ou seria a própria Conceição-menina?, personagem protagonista, após a morte do seu tio Totó, destaca este sentimento:

Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2017, p. 177).

Maria-Nova, assim como Conceição, tinha na escrita o mesmo objetivo: de, através da escrita, testemunhar as memórias de seu povo. Assim, no subcapítulo seguinte serão discutidos os testemunhos que evidenciam como os moradores da favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte, são descritos pela narradora, evidenciando as opressões de gênero, raça e classe, mas também os momentos que transcendem à norma.

#### 4.2 “A gente combinamos de não morrer” – Conceição Evaristo<sup>16</sup>

A citação que inicia este subcapítulo é de autoria de Conceição Evaristo, escritora de *Becos* e de tantas outras histórias que trazem à tona o descaso com a população negra que, segundo dados do Atlas da Violência 2019<sup>17</sup>, é a mais vitimada pela violência. O recente estudo afirma que 75,5% das vítimas de assassinatos, no Brasil, em 2017, eram negras. Assim, como já discutido no início deste capítulo e no subcapítulo anterior, a escritora contemporânea discute, em suas obras, as vivências de seu povo, através de um testemunho lírico que denuncia as desigualdades e que também, através da sua memória individual, reconstrói a memória coletiva de pessoas que viveram na mesma periferia, corroborando o pensamento de Bosi (2009, p. 411):

Quando sentimos a necessidade de guardar os traços de um amigo desaparecido, recolhemos seus vestígios a partir do que guardamos dele e dos depoimentos dos que o conheceram. O grupo de colegas mal pode constituir um apoio para sua lembrança, pois se dispersou e cada um se integrou num meio diverso daquele que conheceu. Como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ele, fixando, assim, seus traços cada vez mais fugidios?

Percebe-se, daí, que quando a memória foge, surge a necessidade da invenção, da ficcionalização, que a própria autora assume na introdução do livro aqui analisado: “[...]”

<sup>16</sup> O título deste subcapítulo é título de um dos contos da Conceição Evaristo, presente no livro *Olhos D'água* (2014).

<sup>17</sup> Disponível em: </ [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/190626\\_infograficoatlas\\_2019.pdf/](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/190626_infograficoatlas_2019.pdf/)>. Acesso em: 18/jun./2019.

Tenho dito que *Becos da Memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017, p. 11). Esse fato está atrelado à escrita autobiográfica que conforme Calligaris (1998 *apud* Pereira 1999, p. 1) “pressupõe uma cultura em que o indivíduo se coloque acima da comunidade a que pertence, e conceba sua vida como uma aventura a ser inventada, e não como um destino pré-determinado a ser cumprido”. Ou seja, a partir dessa discussão podemos compreender que, conforme Lejeune (2008) o real e o ficcional andam juntos, pois, a partir do processo de transformação das lembranças para a escrita, já se há ficcionalização.

Para Lejeune (2008, p. 252), por exemplo:

Os relatos autobiográficos, evidentemente, não são escritos somente para ‘transmitir a memória’ (o que se faz pela palavra e pelo exemplo em todas as classes). Eles são o lugar onde se elabora, se reproduz e se transforma uma identidade coletiva, as formas de vida próprias às classes dominantes. Essa identidade se impõe a todos aqueles que pertencem ou que se assimilam a essas classes e rejeitam as outras numa espécie de insignificância.

Assim, podemos entender, também, que através da escrita, do testemunho, é possível que haja uma identificação do leitor com o autor, ou seja, o que Lejeune (*idem*) também chama de contrato de leitura entre autor-narrador-personagem e, também, o que diz respeito à solidariedade do testemunho, proposta por Moreiras (2001). No entanto, a escrita de Conceição pode, em muitos momentos, (con)fundir o leitor, pois, apesar de deixar marcas de suas vivências e expor claramente que ali se trata de sua história e de seu povo, podemos pensar que ela é sustentada por marcas do que Lejeune (*idem*) chama de romance autobiográfico, ou seja, apesar de deixar traços, ela não afirma que se trata exclusivamente de sua história: “Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da Memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da Memória* é mentira [...]” (EVARISTO, 2017, p. 11). Diante dessas discussões, podemos supor que enquanto no diário de Carolina há um pacto direto, nas palavras de Lejeune (2008), entre auto-narrador-personagem; na obra de Conceição, por sua vez, o pacto é indireto, por meio de informações trazidas na introdução e, também, de alguns momentos da narrativa em que há a fusão da autora-narradora-personagem.

Em se tratando do tom dos testemunhos apresentados pela narradora da obra, Oliveira (2009) evidencia a denúncia social, trazida pela autora em *Becos da Memória*, que de forma trágica, aliada ao tom poético, leva o leitor ao íntimo das personagens humilhadas, vítimas de violência, mas também mostra o lado belo, sonhador, de ternura e cheio de lembranças dessas

peessoas. Lembranças, estas, colecionadas por Maria-Nova e também pela autora, conforme ela depõe na introdução do romance: “Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus” (EVARISTO, 2006, p. 11).

Ainda sobre as memórias, Oliveira (2009, p. 1) diz que “sabendo que é possível à obra (re)construir a vida, através de “pontes” metafóricas, pelo projeto de Conceição Evaristo vislumbram-se pistas de possíveis percursos e leituras de cunho biográfico”. Sendo assim, a escrevivência, a escrita de um corpo negro, como o da autora, através de uma experiência negra – ou diversas experiências, como ela traz em suas obras, funcionam, sobretudo, como uma forma de reverter estereótipos, de reivindicar representação, de resistência e, através da experiência, oferecer credibilidade como algo acontecido e também como recurso estético.

Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía. Torneira de baixo ou torneira de cima? Hoje estou para o sofrimento. Vou ver Vó Rita. Vou pedir que me leve até a Outra. Posso também ir olhar a ferida que o magricela tem na perna. [...] Hoje quero tristeza maior... Hoje quero dormir sentindo dor (EVARISTO, 2017, p. 32).

Na passagem acima, podemos observar a curiosidade da personagem protagonista, que nesta narrativa também se confunde com a narradora. Maria-Nova, filha de Mãe Joana – como ela chamava sua mãe, sobrinha de Tio Totó e de Maria-Velha, costumava colecionar as histórias da sua vizinhança e da sua família. As histórias podiam ser divididas nas de sofrimentos e nas de felicidades. Havia o momento certo para cada uma delas. Isso era decidido, na maioria das vezes, pelo seu sentimento do momento. E, assim, ao longo da narrativa ela testemunha, por exemplo, momentos de violência, como o caso de estupro de uma amiga sua, após a mãe vendê-la para um fornecedor de cigarros:

Maria-Nova na noite em que ouviu a história de dor da outra menina dormiu e sonhou com a amiguinha. Nazinha sentia dor, sangue, sangue, sangue... Era como se a vida lhe estivesse fugindo, a começar por aquele ponto entre as pernas. O homem tapou-lhe a boca e gozou tranquilo (*id*, 2017, p. 38).

No entanto, assim como em *Quarto de Despejo*, as cenas de violência doméstica não se restringem a um momento, mas sim durante toda a obra, a perceber neste trecho, em que Maria-Nova constata a violência sofrida pela mãe e filha, cujas foram vítimas do pai e marido:

Quem sofria nas mãos dele era sua mulher e sua filha Fuizinha. Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais

próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas. Era mau o Fuinha. Diz que ele tirava a roupa das duas e batia até sangrar. Se elas choravam baixinho, batia até que elas gritassem e depois batia até que elas calassem (*id.*, 2017, p. 78)

O destino, ironicamente na mesma mão da realidade, demonstra o fim das personagens: “Um dia a mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta. Os vizinhos tinham escutado uma pancadaria na noite anterior. A mulher gritara, gritara, a Fuizinha também, também. Ouviu-se a voz do Fuinha: – Agora silêncio” (*id.*, 2017, p. 79). O machismo, que age diretamente sobre o controle dos corpos femininos, não se contenta com nada, assim como tal, Fuinha quis mais:

Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha (*id.*, 2017, p. 79).

Na narrativa, também nos é apresentada Custódia, casada com Tonho, alcoólatra, desiludido da vida, prestes a sair da favela, em decorrência do processo de desfavelamento, e com quem ela teve quatro filhos e estava à espera do quinto. Apesar de não sofrer violência dele, seu esposo, a personagem é violentada constantemente por sua sogra, reafirmando, mais uma vez, a marginalidade em que as mulheres são retratadas em boa parte da obra:

Custódia apanhava da sogra como se fosse Tonho o agressor. Ele nada percebia. No outro dia, Custódia não se levantou de dor. À tarde, pariu uma menina morta. Dona Santina pegou a Bíblia e orou. Enterrou a criança no fundo do barraco. Lembrou-se, porém, que naquela área os tratores passariam assim que eles saíssem de lá. Desenterrou, embrulhou o defuntinho em jornais e saiu [...] (*id.*, 2017, p. 84).

A narradora da obra também testemunha outro tipo de violência que assola parte da população de mulheres negras e pardas no Brasil: o espaço de trabalho a elas destinado. Segundo o estudo feito entre o IPEA e a ONU Mulheres<sup>18</sup>, das 5,7 milhões de mulheres brasileiras que trabalhavam como domésticas, em 2015, 3,7 eram negras e pardas. Ainda, o nível de escolaridade não chegava a sete anos. Na obra de ficção, permeada pela escrevivência da autora, a personagem Ditinha, mulher negra, favelada, mãe solo de três filhos, convive com a dureza do trabalho na casa de uma mulher branca, a quem ela nutre uma admiração incrível: “Ditinha olhou para a patroa e sentiu o ar de aprovação no rosto dela. Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com olhos da cor daquela pedra das joias.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953/>>. Acesso em: 20/abr./2019.

Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha” (*id.*, 2017, p. 100). Essa realidade é descrita por Kilomba (2012 *apud* Ribeiro, 2017, p. 41), tomando o Outro descrito por Simone de Beauvoir, que seria o modo como a mulher é vista na sociedade patriarcal, e engloba a mulher negra como sendo o Outro do Outro, pois além de não ser homem, claro, ela também não é branca. Logo, o que ela classifica como sendo uma espécie de carência dupla: a antítese de branquitude e masculinidade.

Além de Ditinha, outras personagens femininas negras incorporam a lista de mulheres que são destinadas ao serviço doméstico: Mãe Joana, Maria-Velha, Tia Domingas e tantas outras dedicadas à lavagem de roupas para fora, principalmente.

Ainda, nem sempre os serviços domésticos era o que restava para essas mulheres, sendo, em alguns casos, destinadas, também, à prostituição, como a irmã de Ditinha, a Toinha: “[...] E, quando a irmã veio em casa trazendo algum dinheiro que ganhara com os homens, o sentimento de culpa de Ditinha cresceu fundo [...]” (EVARISTO, 2017, p. 167). Cidinha-Cidoca, mulher muito admirada pelos homens da favela e por todos que lá chegavam, também compartilhava do mesmo serviço de Toinha: “Cidinha-Cidoca tinha o “rabo de ouro”. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês [...]” (*id.*, 2017, p. 21). Cidinha, por sua vez, foi encontrada morta após uma grande tristeza abatê-la, em um buracão da favela.

Podemos perceber, diante disso, que a estas mulheres é relegado o descaso e a falta de humanização. Isso pode ser observado, também, no caso em que a personagem Ditinha furta uma joia – da mesma cor dos olhos da patroa, num momento de perplexidade com o objeto, no entanto, arrepende-se assim que sai da casa da patroa. Sem saber o que fazer, a personagem joga a pedra na fossa de casa, conseqüentemente, é presa e cumpre uma pena pelo furto. Ao sair, envergonhada e na mesma miséria, a personagem vive outro dilema, o do apagamento, simbolizado aqui pela vergonha: “Dali a um instante, no minuto seguinte, saíram os dois puxando pela mão uma mulher que vinha cabisbaixa carregando sobre si toda a vergonha e tristeza do mundo” (*id.*, 2017, p. 171). Essa ilustração nos chama atenção para o fato de a maioria das mulheres encarceradas brasileiras – 68%, segundo o ITTC<sup>19</sup>, serem negras. O estudo ainda revela que a maioria tem baixa escolaridade e não possui antecedentes criminais. Assim, reafirmando as desigualdades sociais das quais a interseccionalidade nos mostra como reprodutoras de violências e silenciamentos, conforme Davis (2016).

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/68-das-mulheres-encarceradas-no-brasil-sao-negras-aponta-estudo/>>. Acesso em: 18/jun./2019.

A fome e a miséria, que aparecem em todas as páginas do diário de Carolina de Jesus, aqui também é pano de fundo da narrativa autobiográfica, conforme podemos ver na narração do testemunho da personagem Ditinha:

Muitas vezes, quando ela estava na casa da patroa e ia almoçar, lembrava da comida que havia deixado em casa. O alimento crescia-lhe na boca, formava um bolo e não descia. Com lágrimas nos olhos, ela era obrigada a jogar aquela refeição tão boa no lixo, pensando nos seus que estavam com fome em casa (EVARISTO, 2017, p. 104).

Além da fome que perpetrava o descaso social, percebemos também a miséria, evidenciada, neste trecho, pela falta de moradia segura; pela falta de humanidade que é gerada pelo descaso governamental:

A chuva persistente acabava por amolecer as paredes do barraco que, entretanto, iam resistindo por teimosia até o momento em que não aguentavam mais. Às vezes, rachavam primeiro, denunciando fraqueza, outras vezes não, caíam rápido e de repente. E quando ouvíamos um barulho, surdo, seco, apurávamos os ouvidos esperando gritos de dores humanas. Alguns ficavam soterrados, principalmente velhos e crianças (*id.*, 2017, p. 140).

O espaço da narrativa, no entanto, diferentemente do que é narrado por Carolina, em *Quarto de Despejo*, é repleto de afeto; de apego. Ele é apresentado, portanto, como uma perspectiva espacial e física do lugar, mas também com o relato de sensações e sentimentos evocados a partir da experiência pessoal de interação com o espaço urbano, como bem discutido por Miranda (2013). Assim, Maria-Nova e os moradores da favela do Pindura Saia – MG, não objetivavam sair dali, ora por não terem outro lugar para viver, ora por terem apego ao espaço e as pessoas que ali viviam. Como não havia solução para tal problema, a escrita, marcada por uma memória afetiva, surge justamente como forma de perpetuar as lembranças de um povo colocado à margem, assim, reconstruindo a memória coletiva dos que ali viviam através da perspectiva individual da personagem-protagonista.

A presença dela até o último dia de existência da favela representa a resistência da testemunha, que pode ser vista como a responsável por mais tarde repassar a história da favela em processo de desfavelamento e, também, de romper com o silenciamento e chegar a lugares que os seus antepassados não alcançaram:

Tio Tatão dizia que as pessoas não morrem, continuam nas outras. [...] - Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode

ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos (EVARISTO, 2017, p. 111).

Maria-Nova está ali justamente para subverter o sistema hegemônico dominante: branco, elitista e racista. A personagem vê nos estudos a sua salvação e dos seus: “Maria-Nova apertou os livros e os cadernos contra o peito, ali estava a sua salvação. Ela gostava de aprender; de ir à escola, não. Tinha medo e vergonha de tudo, dos colegas, dos professores. Despiava, transformava o medo e a vergonha em coragem” (*id.*, 2017, p. 110). O medo, talvez, se dava em razão dos acontecimentos vivenciados na escola, como na vez em que foi questionada pelo o motivo do silêncio, já que a menina sempre tinha questionamentos, em uma aula que a professora falava sobre a escravidão: “Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida [...]” (*id.*, 2017, p. 150). Este testemunho vai de encontro ao que é descrito por Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo*, em pleno dia de “comemoração” da Abolição da Escravatura: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!” (JESUS, 2015, p. 32). Nesse sentido, as narrativas dessas duas mulheres transgressoras se fundem no que tange à escrita de suas vivências; no resistir a tantos dilemas sociais.

Ainda, na narrativa de *Becos* também somos apresentados a outras mulheres que rompem à norma. Dora, por exemplo, é uma delas:

Ela era muito conhecida. Era também uma das rezadeiras oficiais de terço. Tinha uma voz alta e melodiosa. O corpo melodioso também. Os homens viviam assediando o barraco e o corpo de Dora. Ela vivia feliz. De tempos em tempos, tinha o seu homem, seu companheiro certo. Eles viviam ali, depois não sei por que partiam. Não se ouvia briga ou choro. O que se ouvia cá de fora, vindo de dentro do barraco de Dora, era sussurro, gemidos prazerosos de amor [...] (EVARISTO, 2017, p. 90-91).

A personagem também transgride quando se trata do sensual e do sexual, de modo a compararmos com a liberdade sexual testemunhada por Carolina:

[...] Dora já se permitia com os moleques da sua idade. Aprendeu cedo a deixar a passividade da mulher que só recebe a mão do homem sobre si e começou a vasculhar o corpo dos homens. Tocava com a mão e com a boca. Foi de muitos homens e muitos homens foram seus [...] (*id.*, 2017, p. 92-93).

A diversidade de mulheres trazidas na obra repercute tabus que nem mesmo em um ambiente tão diversificado era capaz de aceitar, como, por exemplo, o relacionamento da Vó



Rita, mulher negra e parteira pelo qual a favela demonstrava carinho, com outra mulher: “Vó Rita dormia emolada com ela. Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós. Talvez ela só pudesse contar com o amor de Vó Rita, pois, de nossa parte, ela só contava com o nosso medo, com o nosso pavor” (*id.*, 2017, p. 15). O medo e o asco quais eram sentidos pelos moradores da favela talvez se dessem, também, em razão dela carregar um mistério, mistério este que não é revelado na narrativa, mas que faz a Outra se manter isolada e ter dedicação em boa parte do tempo de Vó Rita.

Além dela, outras mulheres são apresentadas de forma transgressora, como Maria-Velha: “Maria-Velha, mulher dura também, era a terceira mulher de Tio Totó. Quando encontrou o homem, ela já tinha uma larga e longa coleção de pedras” (*id.*, 2017, p. 29). Maria-Velha, apesar de ter pouca alegria, resistia em meio ao caos. Assim como ela, Mãe Joana também: “Mãe Joana era uma mulher triste. Não sorria nunca. Coincidência ou não, era a irmã de Maria-Velha. [...] Mãe Joana estava ali feito galinha arrepiada, detectando qualquer sinal de perigo. E na sua fragilidade enfrentava o mundo” (*id.*, 2017, p. 40). Percebe-se, assim, que embora fragilizadas por um sistema que há séculos oprime e gera violência sobre essas mulheres, elas se mostram relutantes, como testemunhado por Maria-Nova, através das suas memórias afetivas.

É importante, frisar, ainda, que as lembranças que remetem à escravidão são retomadas por Maria-Velha e Tio Totó sempre que vão contar histórias a Maria-Nova, em razão de ambas as personagens terem nascido no momento em que prevalecia a Lei do Ventre Livre<sup>20</sup> – lei que tornava livres os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir de 1871. Este fato se mostra interessante, do ponto de vista analítico, por entendermos que as memórias são importantes na construção e reconstrução de momentos que se tornaram importantes na subjetividade de quem relembra, como é discutido por Bosi (2009). Ainda, enfatiza o caráter emotivo e afetivo relacionado ao espaço, como teorizado por Almeida (2015).

Por fim, de um por um a favela do Pindura Saia, em Minas Gerais, acaba. Acaba no sentido físico, porque daí em diante ela é eternizada, através do testemunho de Maria-Nova, que permite trazer à tona a voz dos sem voz, como discutido por Yúdice (1992), fazendo com que o leitor se solidarize e torne-se um coparticipante, ou seja, há “o outro em nós e nós no outro”, corroborando o pensamento de Moreiras (2001). Assim, concluímos que a escrita

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/736-lei-do-ventre-livre.html/>>. Acesso em: 10/jul./2019.

autobiográfica da Conceição, que em muitos momentos se junta a da personagem-protagonista, como mostrado aqui, traz evidências de mulheres que se escrevem na interseccionalidade, que apesar de sofrerem diariamente a tripla opressão: de gênero, de raça e de classe, não são vencidas totalmente, porque elas transgridem e quebram com o silenciamento; mas, nos faz pensar sobre a necessidade urgente de um olhar que permita uma vida digna a essas pessoas historicamente relegadas à marginalidade.

## 5. “EU NÃO ESTOU INDO EMBORA. VOU FICAR AQUI. E RESISTIR AO FOGO” – SOJOURNER TRUTH<sup>21</sup>

As palavras que iniciam as considerações finais deste trabalho são de uma das feministas afro-americanas, do século XIX, e ex-escravizada, que representa uma das características mais marcantes nos testemunhos analisados neste trabalho: a transgressão da mulher negra. No entanto, para além da transgressão e do empoderamento, os relatos narrados por Carolina e Conceição em *Quarto de Despejo* e *Becos da Memória* representam, ainda, um cenário de fome, de miséria e de violência que oprime e coloca cada vez mais essa população à margem, especialmente se tratando da mulher negra, pobre e favelada, como bem discutido pelos estudos interseccionais de gênero, raça e classe de Davis (2016).

Assim, por meio deste estudo foi possível perceber que os testemunhos dessas mulheres evidenciam o dia a dia de moradores de favelas brasileiras, corroborando o que Calligaris (1998) defende como um dos objetivos da escrita autobiográfica: a de dar um novo sentido à vida. Nessas escritas, percebe-se, portanto, além do tom memorialístico, o poder libertador e de dar voz àqueles que não a têm, conforme Yúdice (1992). Ainda, estes testemunhos são representativos do lugar de fala, que insistem em deslegitimar o discurso de pessoas negras, como também foi discutido por Ribeiro (2017).

Após estas análises, portanto, percebemos que os testemunhos trazidos por Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo* (2015) e analisados no segundo capítulo, confirmam a nossa hipótese inicial: de que as mulheres negras são representadas em um cenário de miséria, são vítimas de diversas violências, do descaso governamental e social, conseqüentemente sendo relegadas a situações que as desumanizam e vulnerabiliza seus corpos.

Da mesma forma podemos observar após as análises do romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2017), que mesmo distantes cronologicamente, as vítimas marcadas pela fome, miséria, exclusão e silenciamento, narradas nas obras, são as mesmas, em sua maioria: mulheres negras, pobres e faveladas. Esse fato expõe a fragilidade da nossa Constituição, de que todos são iguais e têm direito à moradia, à saúde, à alimentação e à segurança. As pessoas dessas favelas não podem contar com o auxílio governamental como

---

<sup>21</sup> Citação trazida no livro *O que é lugar de fala?*, de Djamila Ribeiro (2017), mas presente originalmente no livro *To The Preachers*.

na prática deveria acontecer. A palavra aqui é resistir. Assim, a memória é peça fundamental nesse processo, como discutido por Miranda (2013, p. 112): “A memória assume uma voz coletiva para resgatar a história apagada e para resistir a um local de fala silenciado, inclusive no cânone literário”. A memória, trazida através dos testemunhos de ambas as autoras discutidas neste trabalho, serve como instrumento para recuperação dos seus locais de fala, como dito por Elza Soares, mulher negra e cantora (2018): “Minha voz uso para dizer o que se cala”.

Concluimos, então, que se faz importante um olhar mais sensível e humano no que diz respeito ao lugar ocupado pelas mulheres negras, pobres e faveladas brasileiras. Um olhar que as liberte das amarras trazidas pela escravidão e que são perpetuadas, ainda, na contemporaneidade, pelo esquecimento dessas mulheres no cânone da Literatura Brasileira e na violência sofrida, de forma a tentar silenciar suas vozes. No entanto, a resistência haverá de prevalecer; vencer. Marielle Franco, Dandara, Carolina e tantas outras mulheres negras e resistentes que foram vítimas desse sistema excludente e opressor, as sementes de suas lutas não de florescer.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Disponível em: </https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/?gclid=Cj0KCQjwhuvlBRCEARIsAM720HpkRhqehr5BUFE7X3Eryp55oOeG\_ypB5rOb8-CG7zonk2\_6Vo8NIRkaAsP4EALw\_wcB/>. Acesso em: 20/abr./2019.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In.: DALCASTAGNE, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). **Espaço e Gênero na Literatura Brasileira Contemporânea**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2015, p. 15-39.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRASIL. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. **Atlas da Violência 2018**. Disponível em <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP\_atlas\_violencia\_2108\_Infografico.pdf/>. Acesso em: 20/abr./2019. Brasília: Fórum de Segurança Pública, 2018.
- \_\_\_\_\_. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. **Relatório do Atlas da Violência 2018**. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\_institucional/180604\_atlas\_da\_violencia\_2018.pdf/>. Acesso em: 01/jun./2019.
- \_\_\_\_\_. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. **Atlas da Violência 2019**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/190626\_infograficoatlas\_2019.pdf/>. Acesso em: 18/jun./2019.
- \_\_\_\_\_. **Lei do Ventre Livre**. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/736-lei-do-ventre-livre.html/>. Acesso em: 10/jul./2019.
- \_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília – DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao.htm/>. Acesso em 10./jul./2019.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos, **Estudos Históricos**, vol. 21, São Paulo, 1998, p. 42-58.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 3, n. 2, 1995, p. 544-552.
- CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina!**: Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea. In.: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). **Espaço e Gênero na Literatura Brasileira Contemporânea**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2015, p. 41-55.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

\_\_\_\_\_. **Mulheres negras na construção de uma nova utopia**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>>. Acesso em: 19/abr./2019.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura Negra: os sentidos e as ramificações**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes/>>. Acesso em: 18/jun./2019.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In.: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Coleção Passagens. Lisboa: Vega, 1992, p. 129-162.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. trad. Beatriz Sidou. 1. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2015.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.). trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

MIRANDA, Adelaide Calhman de. Memória e cidade na narrativa brasileira contemporânea de autoria feminina. In.: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). **Espaço e Gênero na Literatura Brasileira Contemporânea**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2015, p. 86-115.

MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos**. trad. Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

OBSERVATÓRIO de notícias. **Maior parte da população carcerária brasileira é negra**. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/68-das-mulheres-encarceradas-no-brasil-sao-negras-aponta-estudo/>>. Acesso em: 18/jun./2019.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Escrevivência em Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 17, n. 2, Florianópolis, 2009, p. 621-623.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, vol. 3, 2000, p. 117-127.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Monaliza Rios. Maya Angelou e o Testemunho em Crônicas: os segredos e os silêncios da memória autobiográfica. In.: \_\_\_\_\_. **Maya Angelou e a Autobiografia Ritmada de *The Heart of a Woman***. Curitiba: Editora Arris, 2015, p. 75-112.

SOARES, Elza. **O que se cala, álbum Deus é mulher**, Deckdisk, 2018. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/6EYA1TltIWqEETjRXJx6TA?autoplay=true&v=L/>>. Acesso em: 10./jul./2019.

TRUTH, Sojourner. **E eu não sou uma mulher?** trad. Osmundo Pinho. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 26/abr./2019.

WENTZEL, Marina. **O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953/>>. Acesso em: 20/abr./2019.

YÚDICE, George. Testimonio y concientización. In.: BEVERLY, John; ACHUGAR, Hugo (Eds.) **La Voz del Otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa**. Número especial de la Revista de Crítica Literaria Latinoamericana. Año 15, n. 36, Lima, p. 207-227, ago./dic. 1992.